**RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E PONTO DE VISTA DO AUTOR EM REDAÇÕES DE CANDIDATOS DO ENEM[[1]](#footnote-1)**

Daliane Pereira do Nascimento

Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa – UERN/CAMEAM

E-mail: [dalianypereira@outlook.com](mailto:dalianypereira@outlook.com)

**RESUMO:** Este trabalho propõe-se a analisar como o candidato reporta-se às vozes alheias, como hierarquiza e como posiciona-se em relação a essas vozes em defesa de um ponto de vista próprio na prova de redação do ENEM. Especificamente, pretendemos: (i) identificar as vozes e instâncias enunciativas relacionadas às informações proferidas na redação, dentro ou não dos limites estruturais do gênero solicitado; (ii) descrever, interpretar e analisar as marcas linguísticas que assinalam o modo como o candidato mobiliza, hierarquiza os pontos de vista e se posiciona diante das vozes alheias mencionadas no texto, de modo a evidenciar a dificuldade na construção do ponto de vista próprio sobre o tema proposto. O *corpus* da pesquisa é constituído por 5 redações e a abordagem adotada é do tipo qualitativa; o tipo de pesquisa caracteriza-se como documental e o método adotado trata-se da combinação do método dedutivo e indutivo. Como aporte teórico, seguimos os estudos de Adam (2011), filiando-se à Análise Textual dos Discursos (ATD), em diálogo com autores como Rabatel (2013, 2015, 2016a, 2016b), entre outros. Diante dos resultados alcançados, identificamos que os problemas mais recorrentes em relação ao gerenciamento das vozes foram: os candidatos limitam a argumentação a vozes do senso comum e dos textos motivadores; tomam como sua a voz alheia, não marcando, no fio do dizer, quem é a fonte enunciativa; não se posicionam diante dos pontos de vista reproduzidos de enunciadores segundos; e os pontos de vista são apresentados pouco organizados e articulados em favor da orientação argumentativa da redação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise Textual dos Discursos (ATD). Responsabilidade enunciativa. Redação do ENEM.

**1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No Brasil tem sido cada vez mais recorrente problemas em torno da produção escrita de muitos alunos do ensino básico. Percebemos reclamações por parte de professores acerca das dificuldades que os discentes têm de escrever desde os gêneros mais simples aos mais complexos. Essa problemática atinge também os candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como mostra a média nacional da redação. Nos últimos anos de realização do exame, como em 2017, a média geral foi 560,6 pontos, ou seja, a maior parte dos candidatos não conseguiu atingir a nota considerada mediana, os 700 pontos[[2]](#footnote-2).

Os avaliadores da redação do ENEM apoiam-se em cinco competências[[3]](#footnote-3) estabelecidas pelo exame para avaliar o desempenho. Consideramos, em especial, para a presente pesquisa, as competências avaliativas II e III da redação do ENEM, quais sejam: competência II – “Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa”; e a competência III – “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”.

Assim, entendemos que o aluno, com base nessas duas competências, deve apresentar em seu texto: o domínio do gênero e da tipologia e, em decorrência disso, o gerenciamento de vozes advindas de diferentes fontes e instâncias enunciativas para fundamentar seu ponto de vista[[4]](#footnote-4); a hierarquização e o posicionamento em relação a elas; e os movimentos de (não) assunção pelo conteúdo proferido no texto em busca da defesa de um ponto de vista.

Com base no que foi exposto, pretendemos analisar como o candidato reporta-se, hierarquiza os pontos de vista e posiciona-se em relação à voz alheia em defesa de um ponto de vista próprio na redação do ENEM. Pretendemos especificamente: (i) as vozes e instâncias enunciativas relacionadas às informações proferidas na redação, dentro ou não dos limites estruturais do gênero solicitado; (ii) Descrever, interpretar e analisar as marcas linguísticas que assinalam o modo como o candidato mobiliza, hierarquiza os pontos de vista e se posiciona diante das vozes alheias mencionadas no texto, de modo a evidenciar a dificuldade na construção do ponto de vista próprio sobre o tema proposto.

Dessa forma, a preocupação em analisar redação parte do desempenho dos candidatos na redação do ENEM. Percebemos que muitos candidatos não conseguem atender às exigências das competências avaliativas da redação. Para exemplificar com maior precisão a dificuldade em atender às competências avaliativas, podemos comparar o número de candidatos que obtiveram nota zero com os que conseguiram nota máxima. Segundo o INEP[[5]](#footnote-5), nas últimas edições do exame, como por exemplo em 2017, 309.157 candidatos obtiveram nota zero, e apenas 53 candidatos conseguiram nota máxima. Observamos que são resultados ruins diante do grande número de candidatos que obtiveram nota zero e do número de candidatos que conseguiram nota máxima.

Destarte, acreditamos na relevância de aprofundar o estudo do gênero redação, um dos textos mais importantes para muitos estudantes no Brasil, considerando que uma redação bem elaborada contribui significantemente para obter uma boa nota no ENEM, e, consequentemente, para aprovação nas universidades.

Para fundamentar nossa pesquisa, estamos apoiadas em Adam (2011), filiando-se à ATD. Tomamos como base, também, os estudos autores situados no campo dos estudos enunciativos, como Rabatel (2016a, 2016b, 2015, 2013) e Neves (2012). Estamos embasadas, ainda, em Bernardino (2015).

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: estas considerações introdutórias, em seguida uma discussão teórica sobre o quadro de estudos que embasa nossa pesquisa. Apresentamos a análise e resultados dos dados analisados e, por último, as considerações finais.

**2 ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS**

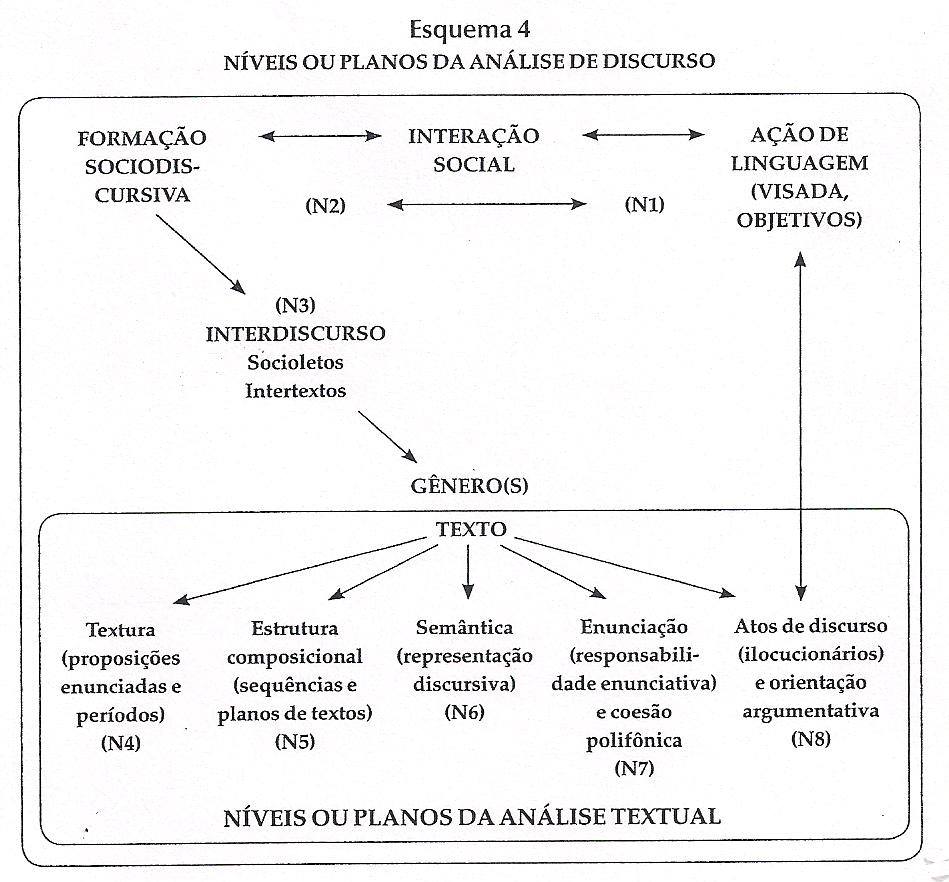
A ATD, de acordo com Adam (2011), pode ser compreendida como um novo quadro teórico-metodológico que tem sua gênese na Linguística Textual (LT) e associa LT e análise de discurso (AD)[[6]](#footnote-6). Essa teoria tem como marco fundador a produção da obra *A linguística textual: introdução a análise textual dos discursos*, publicada no Brasil em 2008 e reelaborada em uma nova edição no ano de 2011, desenvolvida a partir dos estudos do francês Jean-Michel Adam, estudioso que se destaca no âmbito da linguística brasileira, por seus trabalhos relacionados ao estudo de sequências textuais, e por ser o fundador da ATD.

Desde o surgimento da AD e da LT, nos anos de 1950, ambas se desenvolvem de modo autônomo, porém, de acordo com Adam (2011, p. 43):

[...] é sobre novas bases que propomos, hoje, articular uma linguística textual desvencilhada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da análise de discurso francesa (ADF). Nossas referências bibliográficas tornarão explícito o que nos separa do quadro estrito da ADF e nos orienta, sobretudo, para análise de discurso tal como é delineada por Dominique Maingueneau (1991a, 1995).

Dessa forma, Adam (2011) delimita seu lugar teórico, apresenta uma LT que vai além do nível da frase e uma AD desvencilhada da Análise do Discurso Francesa (ADF), estando mais próxima da AD praticada por Dominique Maingueneau, que, assim como a ATD, mobiliza categorias de análise do texto. Dessa forma, de acordo com Bernardino (2015, p. 34), “a ATD, ao se inserir no campo mais vasto da AD, vem trazer o que faltava a uma teoria do texto: um tratamento discursivo de suas categorias, mas sem desvencilhar-se do material linguístico que concerne à estrutura textual”. Com a ATD, temos uma abordagem em que o texto e o discurso são pensados de forma articulada.

Um esquema central que nos ajuda a compreender a ATD é o esquema 4 apresentado por Adam (2011). Nesse esquema o teórico propõe as categorias para análise de textos, como também, por meio dele, podemos entender a tríade principal que compõe a ATD, a união entre texto, discurso e gênero:



**Figura 01**: Esquema 04 – Níveis ou planos da análise de discurso

Fonte: Adam, (2011, p. 61)

Como podemos observar no esquema 4, Adam (2011) propõe oito níveis ou planos para análise de textos, de forma que, do nível 1 ao nível 3, temos as categorias de análise de discurso, que são mediadas pelos gêneros e unem-se às categorias do texto. Assim, através do gênero, chegamos aos cinco níveis de análise de textos, considerando que o gênero aparece como central e regulador das ações no texto, que, por sua vez, evoca discursos. Temos, portanto, o nível 4, da textura, referente às proposições enunciadas e aos períodos; o nível 5, da estrutura composicional, que recobre as sequências e os planos de textos; nível 6, semântico, no qual se situa a representação discursiva; o nível 7, da enunciação, referente à dimensão da responsabilidade enunciativa e coesão polifônica; por último, o nível 8, dos atos de discurso, referente aos atos ilocucionários e à orientação argumentativa. Em nosso trabalho, estamos situadas no nível 7, que recobre o fenômeno da responsabilidade enunciativa. Assim, daremos atenção a essa categoria na subseção seguinte.

**3 A DIMENSÃO ENUNCIATIVA DO TEXTO**

**3.1 Locutor-enunciador, ponto de vista e hierarquização de pontos de vista**

Antes de aprofundarmos a discussão sobre a reponsabilidade enunciativa, abordaremos alguns conceitos importantes para entender esse fenômeno, como os conceitos de locutor e enunciador, de ponto de vista (PdV[[7]](#footnote-7)) e hierarquização de PdV.

Para Rabatel (2016a, p. 82), o locutor é a instância responsável pela organização do conteúdo proposicional, aquele que fala e que traz vozes para seu texto, que mobiliza as informações e profere o enunciado. Enquanto que o enunciador é a instância apresentada pelo locutor, está na origem de um PdV e que pode assumir a responsabilidade enunciativa pelo conteúdo desse PdV.

O PdV, de acordo com Rabatel (2016a), corresponde a um conteúdo proposicional remetido a um enunciador, assim não há enunciador sem PdV e nem PdV sem enunciador.

Dessa maneira, o locutor-enunciador, na construção do texto, hierarquiza os PdV apresentados. Nas palavras do teórico, “para compreender a estratégia discursiva do locutor, é preciso poder hierarquizar as relações do locutor com os enunciadores que ele coloca em cena”. (RABATEL, 2013, p. 40). Assim, entendemos a hierarquização de PdV como a relação do locutor-enunciador com os enunciadores apresentados por ele, portanto, o PdV de algum enunciador pode ser o dominante no empilhamento de PdV.

**3.1.1 As posturas enunciativas do locutor-enunciador**

Rabatel (2016b), a fim de compreender com maior precisão o investimento do locutor-enunciador na construção interacional dos PdV, apresenta o conceito de posturas enunciativas. As posturas enunciativas podem ser conceituadas como a tomada de posição por parte do locutor-enunciador diante de um PdV alheio. Rabatel (2015) afirma que a maneira como o locutor-enunciador primeiro (L1/E1) reformula o PdV de e2 é significativa para a construção do plano enunciativo. L1/E1 marca seu posicionamento diante do PdV alheio, apresentando graus de acordo, exprimindo o que Rabatel (2015) nomeia de coenunciação, subenunciação e superenunciação[[8]](#footnote-8).

Dessa forma, conforme Rabatel (2016b), a coenunciação trata-se da coprodução de um PdV em que L1/E1 marca um posicionamento de acordo, ou seja, mostra partilhar e está em comum com o PdV de e2, o locutor-enunciador torna seu o PdV do outro. A subenunciação demostra que o PdV é elaborado com base em um pensamento de outro, isto é, L1/E1 explicita que o PdV enunciado por ele é principalmente de outro, antes de ser seu, apresentando, também, sinais de distanciamento em relação ao PdV relatado. Já a superenunciação, L1/E1 pode reformular o PdV de e2 parecendo dizer a mesma coisa, porém modificando ao seu favor o domínio de pertinência do conteúdo ou a sua orientação argumentativa.

**3.2 Responsabilidade enunciativa**

Como apresentado anteriormente, tomamos como base os estudos de Rabatel (2016a, 2013) para discutir sobre responsabilidade enunciativa.

A responsabilidade enunciativa diz respeito à assunção dos conteúdos proposicionais por L1/E1, que julga serem verdadeiros (RABATEL, 2016a). Um movimento contrário à responsabilidade enunciativa é o da imputação. Dessa forma, a imputação ocorre quando L1/E1 não assume a responsabilidade enunciativa, mas a atribui para um e2.

Retomando os estudos de Adam (2011), destacamos que para discutir sobre responsabilidade enunciativa, o teórico apresenta um conjunto de categorias e marcas linguísticas que assinala o grau de responsabilidade enunciativa. O teórico propõe oito categorias que assinalam o grau de responsabilidade enunciativa: *os índices de pessoas*, *os dêiticos espaciais e temporais*, *os tempos verbais*, *as modalidades*, *os diferentes tipos de representação da fala*, *as indicações de quadros mediadores*, *os fenômenos de modalização autonímica*, *as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos* (ADAM, 2011).

No presente artigo delimitamos estudar as seguintes categorias: índices de pessoa, as modalidades e as indicações de quadro mediadores ou *mediativo*.

A categoria *índices de pessoas*, corresponde a um fenômeno linguístico que marca a presença do locutor (a subjetividade) em uma enunciação. Tal categoria é marcada linguisticamente, segundo Adam (2011, p. 117-118), pelos “pronomes e os possessivos marcadores de pessoa (*meu, teu/vosso, seu livro*), da apóstrofe de um ser ausente ou inanimado [...], até os nomes que qualificam (*traidor, esse traidor, esse Y imbecil*)”.

As *modalidades* expressam o posicionamentso/atitude do locutor sobre o conteúdo dito. Para discutirmos tal categoria, estamos apoiadas em Neves (2012), que propõe três tipos de modalidades: modalidade epistêmica, modalidade deôntica e a modalidade apreciativa.

A modalidade epistêmica está relacionada aos valores de reforço e validação de um enunciado, “ou seja, há, além da assunção da validação da relação predicativa, um reforço dessa mesma validação, que pode ser um reforço total, com a construção de expressões como *he verdade, he certo* [...]”. (NEVES, 2012, p. 82). A modalidade deôntica “corresponde à construção de uma relação entre o enunciador e seu “*alter*”, o coenunciador, que se pode identificar ou não com o sujeito enunciado” (NEVES, 2012, p. 86). Desse modo, o enunciador age direto ou indiretamente sobre seu coenunciador, seja por meio da pressão ou autorização, incentivando à ação. Por último, a modalidade apreciativa é marcada pelo seu valor de carácter avaliativo, isto é, há um julgamento de valor por parte do enunciador “em relação ao estado de coisas expresso pela relação predicativa” (NEVES, 2012, p. 88).

A categoria relativa *às indicações de quadros mediadores* ou *mediativo*, tomando como respaldo os estudos de Guentchéva (1994), marca a distância do enunciador acerca do que é enunciado, indicando que ele não é a fonte primeira, marcando o não envolvimento com os fatos enunciados e que ele não se pronuncia pela verdade das informações, portanto não assume a responsabilidade enunciativa.

**4 ANÁLISE DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM REDAÇÕES DO ENEM**

Nesta seção, apresentamos a análise do *corpus* da pesquisa. Desse modo, conforme nossos objetivos, pretendemos analisar como L1/E1 reporta-se, hierarquiza os PdV e posiciona-se em relação à voz alheia e como constrói um ponto de vista próprio na redação do ENEM.

Após uma leitura das redações, objetivando um levantamento qualitativo e quantitativo das marcas linguísticas que evidenciam a responsabilidade enunciativa, delimitamos as categorias para análise considerando as mais recorrentes. Dessa maneira, analisamos nas redações de candidatos que demostram dificuldade na defesa de um ponto de vista as seguintes categorias da responsabilidade enunciativa: índice de pessoa, as modalidades e o *mediativo*.

Na análise, apresentamos de que parte da redação o trecho destacado pertence (introdução, desenvolvimento e conclusão). Usamos o código R01-80/100, de modo que R abrevia redação, 01 indica a ordem das redações, o número 80 refere-se à nota que o candidato obteve na competência II e o número 100 refere-se à nota obtida na competência III. Utilizamos o negrito para identificar as marcas de reponsabilidade enunciativa e as aspas para fazer as retomadas dos enunciados da redação no corpo de nossa seção de análise.

Por limitações de espaço, apresentamos como amostra no presente trabalho a análise qualitativa de duas redações. Porém, nos resultados e discussão, apresentamos os dados considerando a análise geral das 5 redações estudadas. A seguir, temos o primeiro excerto demonstrativo:

Excerto 01

[Introdução] *Todos os dias estamos sujeitos a críticas, e muitas das vezes ofenças trazidas com as opiniões de algumas pessoas à respeito da religião de cada um. Quer ele creio em algo, ou não.* ***A discriminação é bem alta****, principalmente com os Afro-brasileiros, que são os maiores de vítimas que sofrem com a prática da violência e etc.*

[Conclusão] *[...] Temos que aceitar, não com violência, mas com descencia, ninguém é obrigado a gostar de ninguém, ou seguir os mesmos padrões que querem que sigamos. Mas vamos enfatizar novamente a questão do respeito,* ***é nosso dever respeitar****, não importa se a pessoa é ateu, evangélico, católico e etc.* ***Julgar não é nosso dever****.*

(R03-100/100)

O candidato do excerto 01 apresenta como PdV principal a tese de que estamos sujeitos a críticas e ofensas a respeito da religião que escolhemos seguir, porém devemos nos conscientizar de que cada pessoa possui direito de escolher sua religião.

Na introdução da redação R03-100/100, L1/E1 inicia afirmando que, todos os dias, estamos sujeitos a críticas e ofensas a respeito da religião de cada um. Percebemos o engajamento de L1/E1 com a enunciação através do índice de pessoa “estamos”. Em seguida, introduz um novo PdV com um posicionamento próprio sustentado no texto motivador, ao afirmar que “A descriminação é **bem alta**”, expressando por meio do advérbio um valor de reforço diante do nível de discriminação, caracterizador da modalidade epistêmica. Para concluir seu PdV, o candidato diz que a discriminação ocorre “principalmente com os Afro-brasileiros, que são as maiores vítimas que sofrem com a prática da violência”. Podemos encontrar esse dado no texto motivador da redação, de autoria da Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República. Dessa forma, o candidato mobiliza em seu texto um PdV alheio, porém toma como seu, não marcando linguisticamente que e2 é a fonte.

Quando L1/E1 afirma que a discriminação é bem alta e ocorre principalmente com os afro-brasileiros, percebemos uma tomada de posição por parte do candidato, uma postura de coenunciação. L1/E1 faz mais que registrar o PdV de e2, torna seu o PdV do outro (RABATEL, 2016). Entendemos, também, que esse PdV se apresenta no topo da hierarquização de PdV, tendo em vista que L1/E1, incialmente, apresenta o PdV 01 que serve para construção do PdV 02, isto é, primeiramente o candidato afirma que estamos sujeitos a críticas e ofensas, e em seguida constrói o PdV 02, discutindo que a discriminação acontece principalmente com os afro-brasileiros e apresentando argumentos orientados para o fim dessa discriminação.

No desenvolvimento da redação, identificamos a recorrência da modalidade, como na proposição enunciada: “**Poderiamos sim**, **nos conscientizarmos** de que cada um faz suas escolhas e que **não podemos** influenciar em nada na vida de ninguém”. Através da modalidade epistêmica “poderiamos sim”, o candidato toma atitude e demarca com maior intensidade a necessidade da conscientização da liberdade de escolha, como também expressa um sentido de autorização ao utilizar a modalidade deôntica “poderiamos”. Na mesma proposição, percebemos, no discurso de L1/E1, mais uma vez, a modalidade deôntica e o índice de pessoa quando o candidato afirma que “não **podemos** influenciar”, marcando seu posicionamento, engajando-se com o enunciado e assumindo a responsabilidade enunciativa.

Na conclusão, o candidato apresenta um PdV implícito, ao dizer: “[...] Mas vamos enfatizar novamente a questão do respeito, **é nosso dever** respeitar, não importa se a pessoa é ateu, evangélico, católico e etc. Julgar **não é nosso dever**”. Esse PdV apresenta implicitamente a voz da Constituição da República Federativa do Brasil, presente no texto motivador da seguinte forma: “O direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado com liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis”. Trata-se da problemática do dialogismo, do PdV de um emerge o PdV do outro, mesmo não marcado linguisticamente. No PdV em análise, temos, em destaque, dois índices de pessoa e duas modalidades deônticas.

Sobre os movimentos de (não) assunção da responsabilidade enunciativa, percebemos que o candidato assume os PdV, tomando-os como seus e engajando-se na enunciação.

Percebemos uma argumentação limitada aos textos motivadores, L1/E1 não utiliza recursos como, por exemplo, os marcadores de os diferentes tipos de representação da fala e do *mediativo*, para citar vozes em defender de um ponto de vista.

Excerto 02

[Introdução] *Em* ***meus*** *conhecimentos, alguns de* ***nós*** *pertencemos à alguma religião, e também* ***somos*** *conscientes do que fazemos como servidores do* ***nosso*** *Deus,* ***somos*** *fieis, e a maioria das pessoas não respeitam a religião que o outro segue e acabamos sendo vítima da discriminação.*

[Desenvolvimento]***No Brasil,*** *algumas pessoas não entendem que Deus é de todos, isso é fato. Apesar da religião que cada um segue e com a fé, tudo pode se crermos. As atitudes e ofensas são o alvo de alguns humanos que incomodo o espaço do outro, impedindo ou perturbando cerimônias, não sabendo o porque da pessoa está na crença, sem imaginar o que poderá acontecer depois, em relação à pena.*

R04-120/80

O candidato em R04-120/80 está apoiado, principalmente, no senso comum para defender seu PdV na redação. Assim, L1/E1 defende que seguimos uma religião e temos consciência de que somos servidores de Deus, mas a maioria das pessoas não respeita a religião do outro. O discurso de L1/E1 é marcado pela religiosidade, no qual ele deixa transcender sua devoção a Deus.

Percebemos, logo no início da redação, o engajamento do candidato pela expressão “meus conhecimentos”, marcando o grau máximo de assunção da responsabilidade enunciativa por meio da categoria índice de pessoa ao utilizar pronome possesivo “meus”. Compreendemos que efeitos dos PdV de L1/E1 repousam numa focalização cognitiva, através de um pensamento relatado, quando ele afirma que está se expressando de acordo com os seus conhecimentos. Percebemos, ainda na introdução, o engajamento de L1/E1 ao utilizar, em sua linguagem, os índices de pessoa “nós”, “pertencemos” e “**somos** conscientes”, “fazemos”, “nosso”, “**somos** fieis”, marcando comprometimento com as palavras.

Ao longo do desenvolvimento da redação o candidato continua se apoiando no senso comum para defender seu PdV, afirmando que “No Brasil, algumas pessoas não entendem que Deus é de todos”. L1/E1 continua defendendo seu PdV e faz s seguinte reprodução do texto bíblico: “com a fé tudo pode se crermos”.

Percebemos que L1/E1 assume a origem enunciativa dos PdV apresentados na redação e mostra concordar com os mesmos, adotando uma postura de coenunciação. Compreendemos que ele torna seu o PdV do outro, pois integra em seu discurso PdV implícitos alheios. Do seu PdV emerge a voz do senso comum e dos textos motivadores da redação, os quais são utilizados para defender seu PdV principal.

Entendemos que, na presente redação, no que diz respeito à hierarquização de PdV, nenhum enunciador sobressai no plano da hierarquia, não há uma sinalização de um PdV dominante, todos estão empilhados no mesmo plano hierárquico. Isso ocorre pelo fato do candidato apoiar seu ponto de vista principalmente no senso comum, não apresentando pontos de vista advindos de diferentes áreas do conhecimento, como pede na competência II. A falta desses recursos evidencia a dificuldade na defesa de um ponto de vista.

Dessa forma, considerando as redações analisadas, percebemos que a categoria mais recorrente da responsabilidade enunciativa é o índice de pessoa. Mesmo a redação do ENEM sendo um texto dissertativo-argumentativo no qual se não espera uma linguagem pessoal, identificamos muitas marcas de subjetividade, como pronomes na primeira pessoa do singular, na primeira pessoa do plural etc.

A segunda categoria mais recorrente nas redações é a modalidade, tendo em vista que os candidatos, ao longo da redação, exprimem uma opinião, uma avaliação sobre o conteúdo da relação predicativa.

Enquanto que a categoria com menor recorrência é o *mediativo*, tendo em vista que, mesmo o candidato apresentando em seu texto vozes alheias, quase sempre, ele toma o PdV do outro como seu. Esse movimento colabora para que o PdV do candidato seja dominante no empilhamento de PdV.

Identificamos nas redações vozes e instâncias enunciativas como: Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República, Constituição da República e Código Penal, isto é, instâncias que são apresentadas nos textos motivadores da redação. Observamos, ainda, vozes como a de Rosseau e Pitágoras e reprodução de instâncias como o texto bíblico e senso comum. Diante das 5 redações analisadas, apenas um candidato apresenta em seu texto vozes de diferentes áreas do conhecimento para desenvolver o tema (competência II), os outros candidatos desenvolvem o tema aplicando conceitos principalmente do senso comum e dos textos motivadores da redação.

As recorrências das categorias da responsabilidade enunciativa encontradas nas redações analisadas dialogam com o fato de que os candidatos reproduzem o PdV de e2 na origem enunciativa do ponto de vista. Assim, L1/E1 não costuma apresentar introdutores de discurso, por isso o *mediativo* é menos recorrente

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os candidatos que demostram dificuldade da defesa de um PdV nas redações, na maioria das vezes, tomam o ponto de vista alheio como seu, ao reproduzir o PdV de e2, L1/E1 fica na origem enunciativa dos textos motivadores e do senso comum. Os candidatos não sinalizam, linguisticamente, que se trata de um ponto de vista do outro, há apenas uma reprodução do ponto de vista sem apresentar um comentário diante da voz de e2. Entendemos que essas posturas dos candidatos contribuem para que essas redações apresentem dificuldade na defesa de um ponto de vista, portanto, deficiência nas competências II e III. Pois, considerando que, na competência II, o candidato deve aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema e, na competência III, o candidato deve interpretar os argumentos em defesa de um ponto de vista, quase sempre, L1/E1 apenas reproduz a argumentação dos textos motivadores da redação e do senso comum, sem interpretar esses argumentos em defesa de um ponto de vista.

Ressaltamos, ainda, que, nas redações, o PdV hierarquicamente superior é quase sempre o PdV de L1/E1, pois o candidato não apresenta em seu texto muitos PdV alheios, e quando apresenta alguns, toma o PdV do outro como seu. Portanto, em algumas situações percebemos que o PdV dominante dialoga com o texto motivador da redação, porém L1/E1 apresenta-se como fonte. Percebemos, também, a dificuldade dos candidatos em organizar os PdV apresentados na redação, de modo a contribuir para a visada argumentativa pretendida.

Quanto à postura enunciativa de L1/E1, há a predominância da postura de coenunciação: o candidato apresenta o PdV alheio e concorda com o mesmo, traz a voz de e2 para defender seu PdV principal. Mas também identificamos recorrências da postura de superenunciação, situação em que o L1/E1 é coprodutor do PdV alheio, porém orienta a favor da sua visada argumentativa.

Tendo em vista esses dados, ressaltamos que essa pesquisa apresenta uma contribuição para o ensino de língua portuguesa, uma vez que esses dados permitem despertar o debate sobre a produção de redações, bem como contribuir para o ensino de produção textual no ensino básico.

**Referências**

ADAM, J-M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica: João Gomes das S. Neto. 2 ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNARDINO, R. S. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação**. 2015. 286 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Estudos da linguagem. Natal, RN, 2015. (Apoio CAPES).

GUENTCHÉVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans temps du français. **Langue Française**. n. 102,1994, p. 8-23.

NEVES, J. dos S. B. **Corre voz no jornalismo do início do século XX**: estudo semântico enunciativo do Correio Braziliense e da Gazeta de Lisboa. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

RABATEL, A. ***Homo narrans***: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva neto. São Paulo: Contexto, 2016a.

\_\_\_\_\_. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Trad. Weslin de Jesus Santos Castro. **EID&A -** **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 191-233, jul/dez. 2016b. Disponível em: <htp://periódicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1328/1089>. **Acesso em: 02 fev. 2018.**

\_\_\_\_\_\_. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: WANDER, E. (Org.). **A construção da opinião na mídia.** Tradução de Wander Emeditato. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Núcleo de Análise do Discurso, 2013, p. 19-66.

\_\_\_\_\_\_. Posturas enunciativas, variável genérica e estratégias de posicionamento. In: ANGERMULLER, J; PHILIPPE, G. (Orgs.). **Análise do discurso e dispositivos de enunciação**: em torno da obra de Dominique Maingueneau. Tradução Euclides Moreira Neto. Limoges: Lammbert-Lucas, 2015, p. 125-135.

1. Este trabalho apresenta-se como um recorte da pesquisa monográfica intitulada “Responsabilidade enunciativa e posturas do locutor-enunciador na construção do ponto de vista em redações do ENEM”, desenvolvida na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino. [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-do-enem-2016-estao-liberados-para-consulta/21206>>. Acesso em: 24 nov. 2017. [↑](#footnote-ref-2)
3. Competências e orientação de avaliação de acordo com cada competência acessíveis na cartilha do participante, disponível em: <<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf>.> Acesso em: 20 ago. 2017. [↑](#footnote-ref-3)
4. Em nosso trabalho, consideramos dois conceitos para ponto de vista, um proposto pela prova de redação do ENEM e outro segundo os estudos de Rabatel (2016). Para prova do ENEM, o ponto de vista é concebido como a ideia principal, isto é, a tese defendida na redação. Para Rabatel (2016), o ponto de vista (doravante PdV) corresponde a um conteúdo proposicional remetido a um enunciador. [↑](#footnote-ref-4)
5. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-do-enem-2016-estao-liberados-para-consulta/21206>>. Acesso em: 24 nov. 2017. [↑](#footnote-ref-5)
6. Abreviamos Análise do Discurso (AD) para nos referirmos à AD praticada por Dominique Maingueneau. [↑](#footnote-ref-6)
7. Rabatel (2013) utiliza a abreviação de ponto de vista com letras maiúsculas (PDV), já Adam (2011) utiliza PdV. Em nossos trabalhos, usamos a abreviação proposta por Adam, mas sem nos distanciarmos das postulações de Rabatel. [↑](#footnote-ref-7)
8. No texto de Rabatel (2015), o teórico utiliza os termos sobrenunciador e subenunciador, enquanto que no seu texto 2016b, ele utiliza os termos super-enunciador e sub-enunciador (com hífen), porém ambos conceituam o mesmo fenômeno. Neste trabalho optamos por utilizar os termos superenunciação e subenunciação. [↑](#footnote-ref-8)